



# Um passo por vez: a luta pela memória inclusiva dando voz a atletas silenciados

**Mpho Ngoepe**

Professor Adjunto da University of South Africa (UNISA).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6241-161X>

E-mail: [ngoepms@unisa.ac.za](mailto:ngoepms@unisa.ac.za)



**Joseph Matshotshwane**

Docente da University of South Africa (UNISA).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7437-1953>

E-mail: [matshjr@unisa.ac.za](mailto:matshjr@unisa.ac.za)

Submetido em: 21/05/2023. Aprovado em: 22/02/2024. Publicado em: dd/mm/aaaa.

## RESUMO

Um dos slogans retóricos na área de arquivologia na África do Sul era “levar os arquivos ao povo” e a necessidade de tirar os arquivos públicos do domínio da elite e transformá-los em um recurso comunitário por meio de arquivos inclusivos. Este slogan foi cunhado desde a consolidação da democracia de forma a manifestar a convicção de que o poder modelador dos arquivos deveria ser usado para promover os arquivos como ferramenta para a reconciliação, a coesão social e a construção da nação. Devido ao financiamento limitado, a euforia em torno do slogan diminuiu, uma vez que poucas medidas foram adotadas. Este artigo adotou a revisão da literatura, experiências pessoais e visitas ao Museu Comrades House para explorar a possibilidade de transformar arquivos ao incluir as vozes silenciadas nos sistemas arquivísticos nacionais, como memórias de atletas de eventos de corrida, como a Comrades Marathon (Maratona dos Camaradas). O artigo argumenta que isto é possível porque a legislação arquivística sul-africana permite a coleta de registros não públicos valiosos para o país, a fim de preencher lacunas que surgiram da era colonial. O documento recomenda que as instituições arquivísticas da África do Sul considerem a incorporação de memórias de atletas, principalmente de vencedores de maratonas como a Comrades Marathon, para dar um passo em direção à memória inclusiva. Neste sentido, mesmo que a Associação Comrades Marathon colete e digitalize essas memórias usando fotografias e outros itens, como os tênis e camisetas dos vencedores, o acervo pode ser incluído no portal do arquivo nacional acessado via AToM. Isto pode fazer com que esse acervo seja disponibilizado gratuitamente através de uma licença Creative Commons. Desta forma, a acessibilidade poderia ser bastante simplificada e facilitada a usuários de todo o mundo. Por fim, os repositórios de arquivos deveriam começar a colher memórias de eventos internacionais realizados na África do Sul, tais como os Jogos Pan-Africanos de 1999, a Copa do Mundo de Rugby de 1995 e a Copa do Mundo da FIFA de 2010. Os registros desses eventos podem ser coletados junto a pessoas e órgãos públicos, a fim de construir e complementar os arquivos do país. Consequentemente, o país dará um passo em direção a arquivos inclusivos e mais pessoas poderão demonstrar interesse nesses arquivos, uma vez que os acervos refletirão a diversidade.

**Palavras-chave:** arquivos; registros; memórias; Comrades Marathon; atletismo; arquivo inclusivo.

## INTRODUÇÃO

A frase “um passo por vez” implica que, para progredir gradual e cuidadosamente de um estágio para o próximo, as pessoas ou processos devem seguir passo a passo. Esta expressão idiomática também é relevante para o discurso sobre a transformação arquivística na África do Sul. Um dos slogans retóricos acerca da transformação dos arquivos na África do Sul foi “levar os arquivos ao povo” e a necessidade de tirar os arquivos públicos do domínio da elite e transformá-los em um recurso comunitário (Harris, 2002). De fato, Jimerson (2007) argumenta que muitas vozes da sociedade permanecem fora dos acervos arquivísticos do setor de patrimônio convencional e não têm representação suficiente nos principais registros públicos. Desde a consolidação da democracia, “[...] this slogan was expressed in the view that the shaping power of archives should be harnessed to promote archives as a tool for reconciliation, social cohesion and nation building [...]” (Harris, 1996, p. 16)<sup>1</sup>. Devido ao financiamento limitado, a euforia em torno do slogan tem diminuído, à medida que poucas ações são tomadas. No entanto, um projeto da University of South Africa que visa “levar os arquivos ao povo” (2014-2024), em parceria com os Serviços Nacionais de Arquivos e Registros da África do Sul (NARSSA) e todos os nove repositórios de arquivos, tentou ressuscitar o slogan. Este projeto desenvolveu uma estratégia de programação pública a ser implementada por todos os repositórios públicos da África do Sul (Ngulube *et al.*, 2017). Isto ocorreu, pois os repositórios dos arquivos nacionais e provinciais foram incapazes de alcançar e atrair pessoas devido a uma estratégia de divulgação inadequada, à ausência de uma mensagem consistente para o público, a recursos insuficientes e a competências limitadas entre os arquivistas. Portanto, era necessária uma mensagem única e consistente para conscientizar o público sobre a existência dos arquivos. No entanto, mesmo quando elaborada essa mensagem comum e consistente, ainda é um desafio conseguir fazer com que as pessoas usem os arquivos. Isso pode significar que os acervos arquivísticos públicos da África do Sul não sejam inclusivos. Matshotshwane e Ngoepe (2022) enfatizam que muitos anos depois da concepção e implementação da democracia na África do Sul, a área de arquivologia ainda reflete o apartheid e o colonialismo em termos de sua manutenção.

A situação mencionada acima exige a transformação do acervo arquivístico. Na verdade, esta situação precisa ser transformada para que as pessoas possam usar os arquivos e, como afirma Ketelaar (1992, p. 5)<sup>2</sup>, os arquivos podem então “[...] become archives of the people for the people by the people.” Os cidadãos só poderão usar os arquivos quando estes forem considerados relevantes e disponibilizados. Na África do Sul, isto pode ser corrigido, uma vez que a legislação arquivística defende a coleta de registros não públicos valiosos para o país, a fim de preencher as lacunas decorrentes da era colonial. O único objetivo é coletar todas as experiências nacionais anteriormente suprimidas para que sejam documentadas. Por exemplo, o artigo 3(d) da Lei NARSSA nº 43 de 1996 afirma que

1 Tradução: “[...] este slogan expressa a visão de que o poder de formação dos arquivos deveria ser aproveitado para promover os arquivos como ferramenta para a reconciliação, a coesão social e a construção da nação [...]” (Harris, 1996, p. 16, tradução editorial).

2 Tradução: “[...] tornam-se arquivos do povo para o povo pelo povo.” (Ketelaar, 1992, p. 5, tradução editorial).

NARSSA should collect non-public records with an enduring value of national significance which cannot be more appropriately preserved by another institution, with due regard to the need to document aspects of the nation's experiences that had been neglected by archives repositories in the past (Republic of South Africa 1996, p. 1)<sup>3</sup>.

Uma forma de desenvolver arquivos inclusivos pode ser através da coleta de memórias do atletismo, uma vez que esta área ainda não foi totalmente explorada na África do Sul. Portanto, o foco deste artigo será abordar a questão dos arquivos inclusivos através da memória de profissionais do atletismo, olhando especificamente para as memórias relativas à Comrades Marathon. De acordo com Cameron-Dow (2011, p. 1)<sup>4</sup>,

[...] the Comrades Marathon is an “ultra-marathon of a distance ranging from 86km to 90km which is run annually in the KwaZulu-Natal Province of South Africa between the cities of Durban and Pietermaritzburg. It is the world’s largest and oldest ultra-marathon race with the inaugural race that took place in 1921. The direction of the race alternates each year between the “up” run (87km) starting from Durban and the “down” run (90 km) starting from Pietermaritzburg.

O estudo propõe que figuras importantes da Comrades Marathon possam contribuir com os seus registros não públicos, como fotos e outros itens, como doações para serem digitalizados. Desta forma, o acervo pode ser disponibilizado com acesso aberto através da licença Creative Commons, de forma que a acessibilidade seja facilitada e estendida a usuários de todo o mundo. A licença Creative Commons permite a criação de um conjunto digital de materiais criativos no qual materiais como fotos esportivas, arquivos, certificados e recortes de jornais podem ser usados gratuitamente, distribuídos e remixados por terceiros, mas apenas sob determinadas condições enquanto o titular dos direitos de reprodução administrar e controlar os direitos sobre o seu material (Coates 2007, p. 73). Deve-se enfatizar que esta é apenas uma pequena parcela da população, já que nem todas as pessoas têm interesse em esportes.

O esporte é um instrumento de solidariedade entre culturas fragmentadas. Daí, Fagan (1992, p. 42)<sup>5</sup> questiona o porquê, “[...] in a country where sport is of such significance, it is so minimally represented in archival holdings.” Por exemplo, o falecido presidente Nelson Mandela (1918–2013), o pai fundador da África do Sul moderna, utilizou a Copa do Mundo de Rugby de 2005 como uma ferramenta para reconciliar e unir a nação dividida, tal como retratado no filme *Invictus* e na citação de Mandela descrita acima. Assistimos à Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) de 2010, organizada pela Federação

3 Tradução: “A NARSSA deve coletar registros não públicos de valor permanente e importância nacional que não possam ser preservados de forma adequada por outra instituição, com a devida atenção à necessidade de documentar aspectos das experiências da nação que foram negligenciados pelos repositórios de arquivos no passado” (Republic of South Africa 1996, p. 1, tradução editorial).

4 Tradução: “[...] a Comrades Marathon é uma “ultramaratona que cobre uma distância de 86km a 90km e é disputada anualmente na província de KwaZulu-Natal, na África do Sul, entre as cidades de Durban e Pietermaritzburg. É a maior e mais antiga ultramaratona do mundo, tendo a sua corrida inaugural ocorrido em 1921. A direção da corrida alterna a cada ano entre a corrida ascendente (87 km) começando em Durban e a corrida descendente (90 km) começando em Pietermaritzburg.” (Cameron-Dow, 2011, p. 1, tradução editorial).

5 Tradução: “[...] em um país onde o esporte tem tanta importância, a sua representação nos acervos arquivísticos é mínima.” (Fagan, 1992, p. 42, tradução editorial).

Sul-Africana de Futebol. Como país-sede do torneio mundial de futebol, a África do Sul e todas as suas linhas raciais se uniram. O esporte trouxe esperança a muitas pessoas que não tinham motivos para se alegrar e levou a luta antiapartheid a nível internacional. Este também foi o caso da Comrades Marathon, em que pessoas de diversas raças e etnias se reúnem para torcer pelos atletas. Os sul-africanos sempre amaram, se orgulharam e praticaram esportes. Portanto, este pesquisador defende que as atividades esportivas podem ser bem-usadas nos arquivos, já que muitas pessoas recorrem ao esporte em diferentes situações. O artigo discute como as memórias da Comrades Marathon podem ser usadas como banco de testes para transformar o acesso arquivístico ao serem incluídas no registro arquivístico nacional.

## BREVE HISTÓRICO DA COMRADES MARATHON

Muitos historiadores e comentaristas já escreveram sobre a Comrades Marathon. Cameron-Dew (2011) afirma que este evento multimilionário deve a sua origem, nome e essência a Vic Clapham, que era maquinista ferroviário. Aparentemente, durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto servia em algum lugar da África central, próximo ao Quênia, Vic Clapham desmaiou e não conseguiu seguir em frente. Um camarada, Ernest Freemantle, o carregou pela areia, por cima de rochas, ladeiras e pela mata por mais de 50 quilômetros sob um calor de 40 graus. Já recuperado, retornou para casa em Pietermaritzburg, na África do Sul, via Mombaça, de carroça e depois em um navio-hospital, até chegar a Durban. Usando sua experiência como base, em 1921, Vic Clapham inaugurou a corrida em homenagem aos camaradas mortos na Primeira Guerra Mundial. Ele desejava expressar a sua gratidão ao companheiro de guerra que salvou a sua vida, Ernest Freemantle. Após a guerra, os soldados retornantes formaram a Liga dos Camaradas da Grande Guerra. Em 1918, Clapham entrou em contato com a Liga para discutir a ideia de uma corrida de rua entre Pietermaritzburg e Durban. Mas a sua ideia não foi bem recebida. Em 1919 e 1920, entrou em contato com a Liga novamente, mas sem sucesso. No entanto, em 1921, ele foi autorizado a organizar a corrida com o aval da liga, mas sem financiamento. Ele recebeu um empréstimo de uma libra esterlina, o que equivale hoje a cerca de vinte mil a cinquenta mil rands sul-africanos. Em 24 de maio de 1921, Clapham organizou a primeira corrida, a “Comrades Marathon go-as-you-please,” entre Maritzburg e Durban, e seu sonho se tornou realidade (Cameron-Dew, 2011, p. 3)<sup>6</sup>. Inicialmente um memorial àqueles que perderam a vida durante a Primeira Guerra Mundial, a Comrades Marathon tornou-se símbolo anual do espírito pioneiro de todos os sul-africanos, e das esperanças, medos, aspirações e dúvidas de uma população dividida que levaria 73 anos (1921–1994) para se tornar uma verdadeira nação. À época, esses pensamentos passavam longe da mente daqueles que foram tão loucos, corajosos e

---

6 Tradução: “Comrades Marathon, venham como quiserem” (Cameron-Dew, 2011, p. 3, tradução editorial).

preparados para apoiar a ideia tão auspiciosa deste pioneiro. Para eles, este foi um gesto único de união frente à adversidade. Nas palavras de Cameron-Dew (2011, p. 3)<sup>7</sup>, “[...] there were no upcomrades, no downcomrades, and no next year’s comrades.”

No início da Comrades Marathon, Clapham atuou mais ou menos como presidente, secretário, publicitário e organizador da corrida (Cameron-Dew, 2011). Ele organizou o evento por 17 anos, mas nunca participou da corrida. Era pragmático fleumático, em vez de idealista apaixonado (Cameron-Dew, 2011). A corrida testemunhou diversos acontecimentos inusitados. Por exemplo, em 1922, Bill Payn correu a Comrades Marathon com botas de rugby e terminou na 8ª (oitava) posição. Em 1923, em frente à Prefeitura de Pietermaritzburg, todos os olhares se voltaram para uma mulher que figurava na linha de partida entre os sessenta e oito candidatos. Frances Hayward correu extraoficialmente e deu início a um sonho que levaria mais cinquenta e dois anos para se tornar realidade. O primeiro negro a participar extraoficialmente da corrida foi Robert Mtshali, em 1935. Ele não recebeu medalha, mas foi reconhecido em 2019, com uma medalha nomeada em sua homenagem. Entre 1941 e 1945, houve intermitência devido à Segunda Guerra Mundial. Em 2010, a 85ª edição da Comrades Marathon recebeu o maior número de corredores em uma ultramaratona. A corrida foi reconhecida no Livro Guinness de Recordes pelos seus 14.343 finalistas, e todos que completaram a corrida naquele dia receberam um certificado da Comrades Marathon Association (ver figura 1).

**FIGURA 1** - Exemplo de certificado emitido para todos os finalistas da Comrades em 2010, quando a corrida estabeleceu um novo Recorde Mundial do Guinness



Fonte: Foto dos pesquisadores (2021).

7 Tradução: “[...] não havia camaradas vivos, nem camaradas mortos, e nem camaradas para o próximo ano.” (Cameron-Dew, 2011, p. 3, tradução editorial).

Desde a primeira corrida desta gloriosa empreitada em 1921, centenas de milhares de pessoas disputaram a Comrades Marathon, e todas elas são vencedoras. Muitas tentaram ser a primeira a cruzar a linha de chegada, mas até 2023, somente um grupo de elite formado por 52 corredores homens chegaram lá. Apenas treze corredores deste grupo de elite são homens negros sul-africanos. Apesar de os negros (e mulheres) terem sido proibidos de participar até 1975, vencer a Comrades, tendo em vista a história de desigualdade da África do Sul, é um feito inacreditável. O fato de alguns terem vencido, e, em alguns casos, diversas vezes, ou terem ganhado diversas medalhas de ouro entre os dez primeiros colocados da Comrades são histórias e memórias que devem ser compartilhadas e conhecidas por todo o mundo. Esses humanos, como todos nós, morrerão. Mas não podemos deixar que essas histórias e conquistas desapareçam. Estas histórias e memórias podem ajudar a construir o sistema arquivístico nacional da África do Sul.

No entanto, as memórias de eventos desportivos como a Comrades Marathon raramente recebem atenção suficiente para fazer com que se tornem parte da arquivologia convencional. Historiadores desportivos, como Smith (2002), expressam preocupação com o fato de que as maiores coleções de arquivos relacionados a organizações desportivas e clubes desportivos, onde parte do acervo arquivístico é preservado, nunca levam a sério os arquivos de suas associações, devido a questões financeiras, de tempo e restrições de espaço que forçam os arquivistas a escolher o que manter e quais acervos assumir. E Garaba (2018) acredita que a falta de um quadro político e de procedimentos estabelecidos, bem como uma série de registros de lazer pertencentes a clubes desportivos, têm como consequência arquivos desportivos incompletos e a deposição de arquivos desportivos fora do âmbito dos arquivos. Conforme mencionado anteriormente, a legislação arquivística sul-africana promove a coleta de registros não públicos, como os da Comrade Marathon. O artigo 3(d) da Lei NARSSA nº 43 de 1996, por exemplo, afirma que

NARSSA should collect non-public records of enduring value of national significance which cannot be more appropriately preserved by another institution, with due regard to the need to document aspects of the nation's experiences that had been neglected by archives repositories in the past (Republic of South Africa, 1996, p. 1)<sup>8</sup>.

Tais memórias devem ser arquivadas no sistema nacional. Isto é, corrigir o que Halim (2018) chama de disparidades causadas pelo arquivamento seletivo das histórias coloniais e do apartheid na África do Sul. No entanto, se organizações como a Comrades Marathon Association preservarem as suas memórias, esse acervo poderá ser compartilhado e incluído no sistema arquivístico nacional.

---

8 Tradução: "A NARSSA deve coletar registros não públicos de valor permanente e importância nacional que não possam ser preservados de forma adequada por outra instituição, com a devida atenção à necessidade de documentar aspectos das experiências da nação que foram negligenciados pelos repositórios de arquivos no passado" (Republic of South Africa, 1996, p. 1, tradução editorial).

## **METODOLOGIA**

Este estudo qualitativo procedeu à análise documental e revisão de literatura de forma a explorar a inclusão das memórias dos camaradas no sistema arquivístico nacional. Complementou-se a revisão da literatura com visitas ao Museu Comrades House em Pietermaritzburg, KwaZulu-Natal, bem como com artigos de jornais e experiências pessoais dos investigadores ao se envolverem na maratona. Os pesquisadores fizeram cinco visitas ao Museu Comrades House. Em algumas dessas visitas, houve exposições e inscrições dos corredores na competição. Durante as visitas, os pesquisadores tiveram acesso aos registros primários e puderam capturar fotos. Os resultados foram apresentados por meio de narração e fotos.

## **INCLUSÃO**

Desde os primórdios da democracia, o setor de patrimônio pede a inclusão das vozes anteriormente silenciadas nas instituições públicas arquivísticas. Quando a NARSSA fala sobre inclusão, as únicas memórias que vêm à mente são aquelas que estiveram envolvidas na luta pela libertação. Por exemplo, Matshotshwane e Ngoepe (2022) argumentaram que durante muitos anos, a associação sul-africana de história oral, que foi fundada pela NARSSA e ainda é financiada por ela, concentrou os seus esforços na coleta de memórias significativas e na documentação das perspectivas das comunidades mais dominantes que representam o poder e o governo. Para criar um arquivo inclusivo e preencher as lacunas nas instituições arquivísticas causadas pela colonização e pelo apartheid, em 2001, o governo lançou o programa nacional de história oral junto à NARSSA (Bhebhe; Ngoepe, 2021). Em razão dos elevados níveis de analfabetismo na África (no sentido ocidental), a oralidade é o principal meio através do qual a maioria das pessoas se expressa. A história oral é uma parte importante da recriação e do repensar do passado, principalmente para aqueles que nunca tiveram a oportunidade. A Associação de História Oral da África do Sul foi fundada em 2003 com o intuito de fornecer narrativas alternativas por meio da coleta de história oral, mas ainda se concentra nas memórias da elite; Bhebhe e Ngoepe (2021) argumentam que há elitismo mesmo na crítica emancipatória. Bhebhe e Ngoepe (2021) observam que a situação é semelhante no Zimbábue, onde a memorialização e a comemoração se concentram exclusivamente nas memórias da ZANU-PF, à custa de outros partidos políticos e grupos minoritários. Se a ênfase for dada a eventos como a Comrades Marathon, mais pessoas poderão participar em atividades de arquivologia, reduzindo assim o preconceito. A Comrades Marathon não tem qualquer ligação com a política ou segregação racial. O objetivo é cruzar estas linhas invisíveis e traçar a forma como sonhos e milagres podem se tornar realidade quando a África do Sul e os sul-africanos se inspiram e se unem (Matshotshwane; Ngoepe 2022). As histórias, incluindo as de muitos grandes corredores de longa distância sul-africanos, também devem ser contadas. Infelizmente, essas histórias ainda não foram

escritas. De acordo com Ngoepe (2020), até que seja preservada, uma parte importante da história da África do Sul, na qual os sul-africanos correram juntos como nação e na mesma direção, será perdida. Essas memórias podem ser incluídas no sistema arquivístico nacional da África do Sul, que consiste na NARSSA e em nove repositórios de arquivos provinciais. A NARSSA foi estabelecida como

[...] mitigation strategy in shaping public memory by filling gaps caused by past imbalances by acquiring non-public records and actively documenting the experiences of those either excluded from or marginalised in colonial and apartheid archives (Halim, 2018, p. 4)<sup>9</sup>.

A estratégia de inclusão começou como resultado das fortes políticas desportivas regulamentares do apartheid na África do Sul, que tiveram como resultado o apagamento da história e o desempenho dos atletas negros (Labuschagne, 2016).

De acordo com Halim (2018), a Lei NARSSA abriu as portas para o Estado destinar recursos e focar nas coletas marginalizadas por organizações anticoloniais e antiapartheid. Apesar de Bhebhe e Ngoepe (2020) e Rodrigues (2013) argumentarem que estas políticas impulsionam principalmente a narrativa histórica do dia, concentrando os seus esforços na coleta de registros de importância nacional e na documentação apenas das perspectivas das comunidades dominantes que representam o poder e o governo, ao mesmo tempo que ocultam as histórias de grupos minoritários, a estratégia pode ser usada como ferramenta de transformação para os arquivos inclusivos. Os arquivos que refletem a ampla narrativa da história sul-africana estão ao cuidado de uma diversa gama de organizações, instituições e indivíduos porque foram criados ou adquiridos dentro e fora do país. No entanto, reunir memórias da Comrades Marathon, incluí-las nas principais correntes arquivísticas, e digitalizá-las pode contribuir para uma realidade de arquivos mais inclusivos. De fato, o projeto de digitalização pode ser lançado com recortes de jornais que estão na posse dos atletas individuais, como o da **FIGURA 2**, e os arquivos da Comrade Marathon House (**FIGURA 3**).

**FIGURA 2 - Recorte de jornal na Comrades House**



Fonte: Fotos dos pesquisadores (2021).

9 Tradução: “[...] estratégia de mitigação na formação da memória pública, preenchendo lacunas causadas por desequilíbrios passados, adquirindo registros não públicos e documentando ativamente as experiências daqueles excluídos ou marginalizados nos arquivos coloniais e aqueles do apartheid” (Halim, 2018, p. 4, tradução editorial).

Se tais memórias forem digitalizadas, como aludiu Jones (2015), as iniciativas poderão ajudar a superar as barreiras geográficas e de capital social que desencorajam alguns de visitarem os arquivos tradicionais. Se bem negociados pelos repositórios de arquivos, os atletas, principalmente os campeões, que participam da Comrades Marathon também poderão contribuir com suas fotos e outros itens como doação para a digitalização. Em um estudo de Matshotshwane e Ngoepe (2022), os atletas entrevistados indicaram estar dispostos a doar as suas memórias se houver garantia de que tais memórias sejam preservadas para a posteridade. Outros afirmaram estar dispostos a fornecer registros substitutos aos seus registros. Esses substitutos podem ser cópias digitais. A digitalização é necessária para garantir a sobrevivência dos materiais análogos. Desta forma, o acervo poderá ser disponibilizado em acesso aberto através de uma licença Creative Commons Não Comercial. Há diferentes tipos de licenças Creative Commons, como aquela por Atribuição (By), Sem Derivações (ND), Compartilha Igual (ND) e Não Comercial (NC). A Licença Creative Commons Não Comercial permite que outros exibam, copiem, distribuam e executem o trabalho para fins não comerciais (Coates, 2007).

**FIGURA 3** - Arquivo da Comrades House



Fonte: Foto dos pesquisadores (2021).

Embora operem de forma fragmentada, a África do Sul possui diversos arquivos comunitários de melhores práticas. Moloby (2014), por exemplo, relata a implementação bem-sucedida de arquivos digitais para a comunidade Royal Bafokeng na Província Noroeste da África do Sul. Estes são registros da história da nação Bafokeng. Em nível individual e comunitário, a maioria destes arquivos ou museus são 'dois ou três em um', ou seja, os arquivos ou museus abrigam coleções de objetos e registros que vão desde fotografias, botas

e sapatos de alguns vencedores a relógios, discos, livros e assim por diante. Embora as casas de alguns dos atletas tenham sido transformadas em museus, conforme mencionado anteriormente, eles estão dispostos a doar essas memórias.

## CONCLUSÃO

Por fim, embora os arquivos comunitários, como os da Comrades Marathon, sejam bem organizados, conforme indicado na **FIGURA 3**, o mesmo não pode ser dito sobre as memórias dos atletas individuais, conforme relatam Matshotshwane e Ngoepe (2022a). As memórias dos indivíduos precisam ser identificadas e preservadas. Deve-se salientar que os Arquivos Provinciais de Gauteng já iniciaram um projeto de coleta de memórias desportivas (Matshotshwane; Ngoepe, 2022).

Os repositórios de arquivos públicos são convidados a embarcar na coleta de memórias de eventos internacionais organizados na África do Sul, tais como os Jogos Pan-Africanos de 1999, a Copa do Mundo de Rugby de 1995, a Copa do Mundo da FIFA de 2010, etc. Os registros desses eventos podem ser coletados junto a pessoas e órgãos públicos, a fim de construir e complementar os arquivos do país. Deve-se enfatizar que, embora o Sistema Nacional de Recuperação Automatizada de Informações de Arquivos permita a coleta de registros não públicos, ele não indica onde estão, nem como serão adquiridos esses registros não públicos, nem trata adequadamente de questões de direitos autorais relacionadas à titularidade desses registros de arquivo ou regulamentam aqueles que buscam obter ganhos comerciais com esses registros esportivos. Em outras palavras, o fornecimento de registros não públicos deve incluir os itens mencionados acima para construir um acervo arquivístico viável e inclusivo. Caso as questões mencionadas acima não sejam tratadas, será construído um arquivo seletivo em que apenas membros importantes, tais como aqueles que lutaram pela libertação e os magnatas dos negócios, sejam documentados, deixando de fora as pessoas comuns e as marginalizadas, como já reiterado pela literatura sobre problemas semelhantes em outros repositórios de arquivo. Como estratégia de mitigação, os repositórios de arquivos devem criar um catálogo ou registro nacional de arquivos a serem incluídos no sistema NARSSA. Desta forma, será possível construir arquivos inclusivos e mais pessoas terão interesse em arquivos, uma vez que os acervos refletirão a diversidade. Isso é importante, porque poderemos produzir livros como “Memoirs of a Comrades Champion”, escrito por Ngoepe (2022), e documentários de atletas e eventos.

## **REFERÊNCIAS**

BHEBHE, S.; NGOEPE, M. Elitism in critical emancipatory paradigm: national archival oral history collection in Zimbabwe and South Africa. **Archival Science**, [s. l.], v. 21, p. 155-172, 2021. DOI: doi.org/10.1007/s10502-020-09351-y.

CAMERON-DEW, J. **Comrades' marathon**: the ultimate human race. Johannesburg: Penguin Books. 2011

COATES, J. Creative commons the next generation: creative commons licence use five years on.

**SCRIPTed**: Journal of Law, Technology and Society, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 72-94, Sept., 2007. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/32006/>. Acesso em: 13 Nov. 2022.

FAGAN, R. Acquisition and appraisal of sports archives. **ASSH Bulletin**, [s. l.], n. 16, p. 193-225, 1992.

GARABA, F. The neglected fond in university archives: the case of sport club records at the University of KwaZulu-Natal (UKZN), Pietermaritzburg Campus, South Africa. **Records Management Journal**, [s. l.], v. 28, n. 2, p. 143-158, 2018.

HALIM, M. The Westbury Community Archive: claiming the past, defining the present towards a better future. **Education as Change**, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 1-23, 2018.

HARRIS, V. Redefining archives in South Africa: public archives and society in transition, 1990–1996. **Archivaria**, [s. l.], n. 42, 1996. Disponível em: <https://www.archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12151>. Acesso em: 10 Oct. 2022.

HARRIS, V. The archival sliver: power, memory, and archives in South Africa. **Archival Science**, [s. l.], n. 2, p. 63-86, 2002. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02435631>. Acesso em: 10 Oct. 2022.

JIMMERSON, R. C. Archives for all: professional responsibility and social justice. **American Archivist**, [s. l.], v. 70, n. 2, p. 252-281, 2008. Disponível em: <https://meridian.allenpress.com/american-archivist/article/70/2/252/24093/Archives-for-All-Professional-Responsibility-and>. Acesso em: 15 Dec. 2022.

JONES, J. Archives and historians of sport. **International Journal of the History of Sport**, [s. l.], v. 32, n. 15, p. 1784-1798, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/09523367.2015.1108307>.

KETELAAR, E. The European community and its archives. **The American Archivist**, [s. l.], v. 55, n. 1, p. 40-45, 1992.

LABUSCHAGNE, P. Sport, Politics and Black athletics in South Africa during the apartheid era: a political-sociological perspective. **Journal for Contemporary History**, [s. l.], v. 41, n. 2, p. 82-104, 2016. Disponível em: <https://journals.co.za/doi/abs/10.18820/24150509/JCH41.v2.5>. Acesso em: 10 Oct. 2022.

MATSHOTSHWANE, J.; NGOEPE, M. Transcending invisible lanes through inclusion of athletics memories in archival system in South Africa. **HTS Theological Studies**, [s. l.], v. 78, n. 3, 2022. Disponível em: <https://hts.org.za/index.php/HTS/article/view/7530>, 2022. Acesso em: 10 Apr. 2023.

MOLOBYE, K. Building a new home of our history – the Bafokeng Digital Archive. **Journal of the South African Society of Archivist**, [s. l.], v. 47, p. 50-60, 2014. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/jsasa/article/view/115045> Acesso em: 15 Oct. 2022.

NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS SERVICE OF SOUTH AFRICA. **Records Management Policy Manual**. Pretoria: NARSSA, 2004. Disponível em: [http://www.nationalarchives.gov.za/sites/default/files/RM%20Policy%20Manual\\_0.pdf](http://www.nationalarchives.gov.za/sites/default/files/RM%20Policy%20Manual_0.pdf). Acesso em: 13 Oct. 2022.

NGOEPE, M. **Stir the dust: memoirs of a Comrades champion, Ludwick Mamabolo**. Polokwane: MAK HERP, 2020.

NGULUBE, P.; NGOEPE, M.; SAUROMBE, N.; CHATERERA, F. Towards a Uniform Strategy for Taking Archives to the People in South Africa. **ESARBICA Journal**, [s. l.], v. 36, p. 74-93, 2017.

REPUBLIC OF SOUTH AFRICA. N. 43 of 1996. **National Archives and Records Services of South Africa**, Pretoria, v. 376, n. 17471, 1996.

RODRIGUES, A. Portuguese community-based organisational records: a comprehensive archival collecting framework. **Innovation: Journal of Appropriate Librarianship and Information Work in Southern Africa**, [s. l.], v. 2017, n. 54, p. 48-66, 2013.

SMITH, R. Intercollegiate athletics/football history at the dawn of a new century. **Journal of Sport History**, Illinois, v. 29, n. 2, p. 229-235, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43610228>. Acesso em: 10 Sept. 2022.